

ENTREVISTA

PENSAR E INSTITUIR: UMA CONVERSA COM CÉLIA LINHARES

PIONTKOVSKY, Danielle⁴⁴

PEREIRA, Dulcimar

SILVA, Sandra Kretli da

Ao cursar a disciplina Pensamento da Educação Brasileira, no período 2009/01, no Curso de Doutorado da UFES, fomos convidadas pela professora Regina Helena Silva Simões a indicar um *pesquisador* que, através de seus trabalhos, colocasse em análise questões apresentadas pelas escolas e seus profissionais na constituição dos processos educativos e a partir de diferentes momentos históricos.

A escolha pela professora *Célia Frazão Soares Linhares* se deu pela admiração e respeito incondicional ao seu trabalho. Logo que iniciamos as nossas conversas, a fim de dialogarmos por meio dos textos com a autora, percebemos como suas idéias, crenças e valores nos contagiavam. Resolvemos então fazer um convite à professora para estreitar as nossas “conversas” na cidade do Rio de Janeiro, onde ela reside.

Nosso desejo era o de reencontrá-la num momento em que pudéssemos, longe das formalidades da academia, conversar sobre as suas histórias e os atravessamentos vividos nos fazeres e saberes como *professorapesquisadora*; suas formas de pensar as escolas e os sujeitos que nelas se encontram e sua habilidade própria de tomar a poesia como método de trabalho. Uma forma de escrita encharcada de vida, presente na sua “maneira de respeitar o outro e de compreender o significado da liberdade” (GUEDES, 2008).

Como já era de se esperar, com rapidez e de forma delicada e muito carinhosa, a professora Célia respondeu confirmando o nosso pedido. Fomos recebidas em sua casa e, durante a conversa, tivemos que fazer algumas pausas, para que a professora pudesse despedir-se do marido, recepcionar a visita inesperada dos netos, atender aos telefonemas profissionais... Cenas de um cotidiano vivido pelo *homem ordinário, herói comum, caminhante inumerável* (CERTEAU, 1994) que não se deixa aprisionar pela impessoalidade das relações imobilizadas e imobilizantes dos modelos da sociedade moderna.

Enfim, trazemos na transcrição dessa conversa, as memórias da história de vida da professora *Célia Linhares* que comprovam a seriedade de seu trabalho e de sua luta por uma educação que dê lugar as diferenças. O momento que juntas vivenciamos vai ao encontro da idéia de que

Diálogos acontecem em qualquer tempo e lugar. Diálogos implicam dimensões do tempo e re-significações que se dão em diferentes espaços [...] É que diálogos espalham palavras-semente que germinam em poucos ou muitos instantes, mas também, séculos e milênios depois. E diálogos necessariamente se reconfiguram [...] por que a nossa escuta deles é sempre uma outra recriação (ZACCUR, 2005, p. 7).

Deixamos, portanto, nosso convite e também nossa satisfação por um trabalho realizado na perspectiva de uma “*conversadiálogo*”, construído com a firme

44 Doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, na Linha de Pesquisa Cultura, Currículo e Formação de Educadores.

convicção de que o trabalho coletivo é possível de ser vivido e, mais ainda, de que precisa fazer parte de nossas conquistas cotidianas a favor de uma *escola* que, como nas palavras de Freire (1992), não quer o *imobilismo*, mas ao contrário, trabalha, cria, traduz a *vida*.

Aceite o convite e bom diálogo!

- *Vamos começar falando do seu trabalho e da sua história de vida? Como prefere iniciar, professora?*

CÉLIA LINHARES:

Pelo que me move. Uma animação de trabalhar, de reincidir, diversificar, mas ao mesmo tempo, reencaminhar o que eu faço, para a universidade, para a escola. É como se o meu trabalho fosse assim: um mar que dispersa, mas no fundo tudo volta para o mar. Eu estou completando esse ano, cinquenta anos que eu ensino na universidade. Então, é mais do que uma vida, e é um grande privilégio ter tido uma vida longa, uma vida longa profissional, que significa para mim, em primeiro lugar, que o sonho não está acabando. Porque desse sonhar, me vem muita animação e até, digamos assim, numa ambivalência muito sofrida, muito perigosa... me vem uma esperança, porque tem o entrelace do meu trabalho com a minha própria vida, que está no meu memorial⁴⁵ e que está um pouco nesse trabalho que *Ogêda*⁴⁶ captou com tanta delicadeza.

45 **Caminhos de Medo e Esperança** (memorial escrito pela professora Célia que se encontra no livro **Trajetórias de Magistério**: memórias e lutas pela reinvenção da escola pública).

46 Tese de Doutorado defendida na UFF por Adrienne Ogêda Guedes sobre a vida e a obra da professora Célia Linhares.

História de uma vida...

“A vida é combate, que aos fracos abate, aos fortes, aos bravos, só pode exaltar [...]”.

(Gonçalves Dias)

CÉLIA LINHARES:

Eu perdi meu pai aos nove anos. Tinha acabado de completar nove anos. Portanto, saindo dos oito anos. Depois perdi meu irmão de uma maneira trágica, desaparecido por conta da ditadura. São episódios que não se digerem, são cicatrizes que não se fecham, mas no fundo de cada cicatriz, parece que vem de mim, quase... mais do que um desejo, é um impulso, assim, pra continuar, pra continuar juntos. Eu sempre digo que só encontro *Ruy* no meio das pessoas que sonham como ele, que quanto mais eu falo dele e é doloroso, mais ele está vivo, pulsando, palpitando, acreditando... eu não posso descrever, porque é um afeto tão grande e, de meu pai também, que acreditou nas palavras. Eu tive, no meio de tantos sofrimentos, uma sorte, um privilégio, algo excepcional, de ter tido um pai e uma mãe que me falavam com poesia, dois maranhenses. Meu pai, como eu disse, quando ele morreu, eu era muito pequena [...]. Eram duas flores nascidas talvez do mesmo arrebol, vivendo no mesmo galho, bebendo a mesma gota de orvalho, o mesmo raio de Sol, unidas... ai quem me dera uma eterna primavera! Viver qual viva essa flor... Como é que nunca desapareceu isso de mim? Esse sonho de uma primavera que vai vir, que ainda precisa que a gente trabalhe e que é uma primavera de muitas uniões. Minha mãe me dizia, não só para mim, mas para qualquer um dos sete irmãos que ela educou quando meu pai morreu... E ela ficou com 35 anos, com os sete filhos, mas qualquer problema maior que a gente tivesse que enfrentar, que parava sem forças, ela dizia: “*a vida é combate, que aos*

fracos abate, aos fortes, aos bravos, só pode exaltar". E, apesar de um sofrimento enorme, porque, de repente, ao perder nosso pai, nós morávamos no Rio e tivemos que voltar para o Maranhão, para a fábrica de doces, para uma situação constrangida financeiramente. Duas famílias ricas e bem estabelecidas. Os "*Frasão*" eram donos de indústrias, de comércios, os "*Soares*" eram todos homens... a única tia que eu tive dos Soares morreu muito cedo. Eram homens das letras: deputado federal, médico, tabelião, poetas, mas predominava um lado boêmio [...] E no meio daquilo estava a viúva com seus sete filhos, mas ela nos fazia crer que era possível sair das dificuldades, nós tivemos muitas solidariedades, nessa volta ao Maranhão. Mesmo assim era uma situação muito difícil... e ela sempre nos animou, eu sou muita grata a minha mãe, por ela ter sempre mostrado que tinha alguma coisa invisível, que a gente poderia conquistar. Que era preciso estarmos juntos e trabalhar, diuturnamente, que nada nos abatesse...

De onde vêm os sonhos de Célia Linhares?

CÉLIA LINHARES:

Recomeçar, recomeçar, recomeçar... Então você vê, os sonhos vinham dessa poesia heróica de *Gonçalves Dias*, vinham desse romantismo, de uma união múltipla, vinham de muitas fontes. Esse meu tio que foi deputado federal, ele era médico, *tisiologista*, quer dizer, quem trata dos pulmões, e ele tinha um sonho, de fazer do Maranhão... veja eu nasci em 37, quer dizer, *tio Odilon* se profissionalizava, já era médico nessa época, e sonhava em fazer o Maranhão uma terra livre da tuberculose. Ele, com o dinheiro dele, fundou a liga maranhense contra a tuberculose, olha o tamanho do sonho dele... Esse mesmo sonho veio no *Ruy*... Esse

mesmo sonho fez meu pai sair do Maranhão, porque ele era advogado, advogava sempre a favor dos pobres, dos injustiçados, que por qualquer coisa estavam presos. Passava a noite inteira datilografando, ou então ditando para minha mãe que datilografava, enfim, mas ele foi também, inspetor de escola e viu que os donos da escola promoviam reprovações pra oferecer cursinhos nas férias. Eram colégios particulares, e meu pai não aceitou, denunciou, e a coisa ficou muito forte. Imagina, no Nordeste, no Norte... se falava até num complô pra matá-lo. E ele estava cercado por todos os lados, resolveu vir para o Rio. Era o tempo da Segunda Guerra Mundial, ele veio e minha mãe ficou grávida. Mas, o que eu quero é remarcar essa esperança da família, sempre uma família de muita tenacidade, sempre com muita esperança, essa insistência na luta, uma insistência que não se faz sem medo. Vocês veem que o título do meu memorial é: "Medo e Esperança". Como é que esse medo enorme, porque vi tanta coisa acontecendo, senti, ela me tocou de perto... tantas desgraças, mas do fundo da desgraça veio uma coisa que eu não posso renegar: a luta [...] Como é que são as ciladas dentro de mim que me fazem sempre uma pessoa trabalhando. Comecei trabalhando na universidade, no último ano, em 1959. Eu tinha, naquela época, o que se chamava bacharelado e precisavam de professores, e eu estava cursando a licenciatura. Como eu fui a maior nota, mas não é grande coisa ser a maior nota, com essa minha obsessão, com as dificuldades do Maranhão, me chamaram para ser professora, horista, diarista, eu também precisava de dinheiro, mas naquele caso a gente quase não recebia, passava seis meses para receber. Mas, assim mesmo eu fui, e assim, estreei na faculdade, estreei também a maternidade, porque eu fiquei logo grávida. *Grávida e professora*. Sentia um medo enorme de ser professora, porque o curso que eu ensinava tinha pessoas... Tinha, por exemplo, uma diretora de Serviço Social da universidade, uma mulher alta que tinha feito o curso aqui na PUC, no Rio, e eu no Maranhão. Eu era professora dela e ela me fazia um medo enorme, mas assim mesmo eu me redobrava, me redobrava e ia...

e dava as aulas... Na ocasião eu estava grávida do meu primeiro filho [...] Eu tinha essa coisa sempre... o medo que me impulsiona, que não me acovarda, que eu contorne, mas que está sempre presente, tocado por uma esperança, um pouco disso.

Atualmente quais são os grandes temas que abrigam esses medos, essas preocupações, esses sonhos, esses projetos e esperanças?

CÉLIA LINHARES:

Eu tenho estudado sempre, há muito tempo pelo menos, a questão da formação dos professores. Acho que é uma temática, onde cabe tudo, que essas divisões de campos, educação e trabalho, subjetivações e ciências, filosofias, eu já nem sei... os campos são vários, educação brasileira, todas essas temáticas só tem possibilidade de se potencializar numa transformação da educação e da escola se elas forem capazes de dialogar com o professorado e nesse diálogo ir transformando o professorado e a escola. Acho que muita coisa mudou na formação de professores e na própria concepção de professor. Se pensava muito, há vinte, trinta anos atrás, nas relações professor-aluno, até hoje se escreve muito sobre isso, mas eu, cada vez mais vejo como é importante estudar essas relações não do tipo só relações individualizadoras, um professor e um aluno, e também eu não descarto, mas relações em que estão simbolizadas as grandes contradições da sociedade, as lutas de classe, os preconceitos, um imaginário que faz o pobre ser visto como ignorante. Os resquícios de um iluminismo que achou que os professores poderiam salvar com “saberes” as grandes mazelas da sociedade. Atualmente, eu acredito que essa relação professor-aluno e a formação de professores precisa ser não só ampliada, expandida, mas diversificada em suas temáticas. Uma coisa

que eu digo muito, apoiada no *Norbert Elias*, é que nós precisamos usar dois métodos que se articulam, que são os métodos centrífugos, nos espalhando na nossa visão e na nossa percepção e os métodos centrífucos, em que nós concentramos, fazemos voltar para o nosso mar tudo o que a gente viu, da realidade social, da realidade política, da realidade econômica, da realidade existencial, voltar para a formação dos professores. E o *Benjamin* diz o seguinte: de que adianta tanto requinte da cultura se ela deixa do lado de fora a experiência política? A mesma coisa em relação ao professor. De que adianta tanta teorização se os professores não são capazes de reelaborá-las? Porque a formação de professor toca num ponto muito importante que eu estava conversando com a *Sandrinha*, que já havia sido levantado pelo *Lutero*, e que contemporaneamente tem sido levantado com muita propriedade, pelo pensamento, sobretudo, da **Hannah Arendt** que trata da banalização da vida e que no fundo repousa numa grande crítica: a educação e a formação de professores. O espanto da **Hannah Arendt**, quando *Eichmann* foi visto como um monstro, aquele homem monstruoso, que matou tantos judeus, ela interroga: será que ele foi realmente um monstro ou será que ele teve atitudes monstruosas? O que o levou a tomar atitudes monstruosas com absoluta frieza? Havia hipóteses, porém ele se identificou tanto com o *Führer*, ele achava que o *Hitler* estava tão correto nas suas hipóteses, que ele aderiu tão profundamente aquilo, ele foi capaz de fazer todas as monstruosidades, não como algo... não como um monstro, mas como quem acreditou naquilo. Mas a **Hannah Arendt** suspende todas essas propostas e se coloca numa contraposição e diz algo que nos deve preocupar muito... É que o *Eichmann* não aprendeu a pensar nas suas permanentes responsabilidades como cidadão. Estava certo dentro daquele padrão, como muita gente estava certa no tempo da ditadura servindo os militares, por isso a importância de pessoas como *Ruy* que mostraram que a ética cobra posições e que é possível a gente ir contra, mesmo quando todas as portas estão fechadas.

E é possível lutar, é possível se arriscar, no caso dele, o risco foi de certa maneira fatal. Se nós olharmos sua pessoa física, ele continua vivo, mas é isso que a **Hannah Arendt** diz: “quem é que pensa na sua própria responsabilidade?” “Como é que você pode virar o jogo?” Não precisa fazer isso em atos heróicos, como *Ruy* fez. Mas cada um de nós pode, no conjunto que a gente pertence, na escola que a gente se exercita, no grupo de pesquisa dizer: “não pode aquele outro caminho?” Eu acho que isso seja muito. Exercitar as pessoas a pensar: “e você o que pensa?” Eu vejo que, assim, o campo teórico da educação tem desenvolvido muito, muito e muito, ninguém pode deixar de reconhecer os grandes avanços, que é, por exemplo, uma Anped, onde se reúnem três mil pesquisadores e apresentam seus trabalhos [...]. Eu acho que o grande ponto agora a ser retomado, a ser potencializado, são esses processos de singularização, que não significam no meu entender, nem no entender do *Deleuze*, processos que retornem àquela história que se chamou diferenças individuais, mas processos singularizadores, que façam multidões, grupos, coletividades, assumirem a capacidade criadora, ou seja, instituinte. Resistir e criar, resistência como criação, não ir na onda cega. Isso só se faz quando há esse apelo por autonomia, que tem articulações políticas e existenciais: “como é que eu me faço?” “O que eu escolho?” “Como é que eu vou me dedicar nesses últimos anos da minha vida?” Isso me preocupa. Enfim, isso que a *Hannah Arendt* colocou, *Eichmann* não aprendeu a pensar em suas próprias responsabilidades, a se contrapor a uma massificação, a se adestrar aquilo, a se omitir. Isso que é preciso, muito trabalho e precisa muito da gente inteira, pensar como uma ação criadora, instituinte, incessante, quanto mais a gente pensa, mais desdobramentos vem, mais labirintos.

Esse seria o homem que a sociedade precisa?

CÉLIA LINHARES:

O homem e a mulher, as crianças e os velhos. Acho que é muito bom que a gente conjugue a humanidade, com todas essas diferenças, que a gente procure sempre falar de uma maneira plural, múltipla, para não nos acomodarmos, porque esse abstracionismo que todas nós temos, porque são heranças muito velhas, milenares, que nos fazem onipotentes. Ah... eu tenho saber, eu sou doutor, eu sou pós-doutor... E aí que nos impeçam de ouvir, por exemplo, as crianças, com uma sabedoria incrível [...] Como as crianças nos ensinam... Eu sei que o tempo é pouco, mas, vocês viram como é que, no meu pensamento, pensar e instituir, são confluências, são sinônimos. Pensar é uma ação, não é uma brincadeira. E é aí que estão as nossas grandes barreiras e aí que está a grande importância do doutorado e das pesquisas, é pensar com coragem. Eu nem gosto de falar com ousadia, ousadia para mim parece uma coisa meio rebelde. É pensar empiricamente, partindo das experiências, é isso que é a minha grande preocupação e talvez eu possa dizer também da minha caminhada, porque eu sempre tive as minhas duas pernas... Assim, uma na universidade a outra no trabalho social. Estou fazendo 50 anos que eu sou professora, universitária, porque antes eu já ensinava em outros lugares. Iniciei desde muito cedo, primeiro trabalhei na fábrica de doces de Buriti de minha mãe, eu trabalhava com a minha irmã [...] Andava com a mão toda cortada, porque o buriti é uma fruta cheia de escamas, escamosa... e ela corta, amarela e solta uma tinta, a tinta do buriti. Eu chegava na escola das freiras, escola da burguesia, todo mundo tinha as unhas lixadas, as filhas dos médicos... e eu filha da viúva. Enfim [...] um pé na universidade e um outro pé no trabalho social. Primeiro, tendo filhos, levando os filhos na porta da escola, olhando o que era a escola, ensinando no curso normal, ensinando na universidade. Meu marido foi diretor da rádio educadora e eu fazia

um trabalho, um programa para professores e outro programa com a Dona Carochinha, que eu entrava sempre... que era para falar com as crianças. Sempre achei uma fonte extraordinária as crianças para educação. Sempre reclamei da pedagogia não escutar a educação familiar, de onde se ganha essa força, de onde se ganha o sentido do ensino, da aprendizagem, acho muito importante mexer nessas palavras.

Sobre aprendizagem e ensinagem...

CÉLIA LINHARES:

Gosto de falar atualmente aprendizagem e ensinagem, porque é preciso haver ação no ensino e não uma reprodução fria, quer dizer, esse mecanicismo que se engendrou na deformação do *Eichmann* também está em processo em muitas escolas, em muitas universidades. Se aprende a falar bonito, mais muito desconectado do que se vive, muito sem dúvidas, eu acho que a dúvida, a preocupação, é uma coisa muita interessante. Então, para terminar além de eu misturar a minha vida acadêmica com o trabalho social, primeiro na Igreja, eu era muito da Igreja Católica, fui até escalada pra fazer sermão, quando começou aquela história do leigo e do feminino, o padre disse: “Ah eu vou convidar a professora Célia para falar”, eu era meio novinha, assim, os filhos nascendo... Enfim, tive minha quarta filha Andréia, quando eu fazia o meu mestrado em Educação, nos Estados Unidos. E assim, um pouco ensinando a eles e muito aprendendo com eles, a força deles, o primeiro dia na escola... Quando eu sentia medo, das coisas que vem, com o exercício acadêmico, eu me lembrava da mão dos meus filhos, quando ia pela primeira vez com eles pra sala de aula, que eu ia entregar... Enfim, eu também dizia: “Puxa, eu também tenho que aprender com eles a coragem, todos foram, todos fizeram”... Um pouco isso...

mas eu quero fechar recomendando um filme, que eu adoro, teria muitos filmes, mas um que ainda está no circuito: *A dúvida*. Quando *Meryl Streep* pergunta porque que as pessoas dormem tão bem, porque que elas não se preocupam, porque que elas tem dúvida,... pois eu acho que uma boa tese de doutorado começa com um problema, não com a quinta pata do gato, que muita gente quer descobrir. Um problema empírico, visceral, que lhe doa muito, que lhe doa muito,... diante do qual ela se sensibilize, ela sofra, ela queira fazer alguma coisa, ela queira compreender melhor, como uma ação desejante, eu acho melhor do que a ação comprometida [...] Eu ando um pouco assim cansada desses compromissos, que chega, bate continência, dá recado e, parece que a pessoa nem refletiu internamente sobre o que está dizendo, embora eu seja absolutamente convicta de que nós somos sempre seres coletivos, mesmo quando falamos individualmente. Mas eu tenho muito medo desses coletivos mal entendidos que estão aí, que faz de um bando de pessoa, carneiros... que se atiram em abismos e levam uma nação a se mediocrizar e quando eu digo, mesmo falando como Célia Linhares, eu represento infinitas vozes. Algumas que eu posso identificar, mas a grande, maior parte que eu nem identifico, eu também me apoio numa palavrinha da minha mãe. Vejam que mulher delicada, morreu aos 96 anos, porque levou uma queda, fraturou o fêmur e na cirurgia, nas complicações, foi aí que ela morreu. Mas antes, tendo mais de 90 anos, começou a escrever bilhetes para nós, para não, certamente, para não nos assustar com a morte dela e ela escreveu um dizendo assim: “Meus filhos, nós entramos nesse mundo sem nada, não porque entramos nus, mas porque entramos sem as palavras. Tudo o que nós temos, nos foi dado pelos outros, que nós não sabemos nem quem foram. Quando saímos deixamos tudo, tudo, tudo... também nossas palavras ressoando, tomara que seja pra maior liberdade”. Uma mulher de 96 anos, que fez até o quinto ano, que tinha muita tristeza, de na ‘hora H’, quando fez o exame de admissão, não ter passado. Enfim, era a época dela, imaginam,

eu nasci em 37, minha mãe nasceu em 1911... a mãe ter dito: “olha, parou, tem que ajudar em casa”! Então essa vontade dela de estudar passou para todos nós, todos nós nos formamos. Ruy era uma pessoa, que uns dos maiores prazeres dele era ler, estudar, em qualquer lugar. Qualquer cidade que ele chegava, se tinha uma livraria, Ruy estava lá, descendo livros. Aquilo era uma paixão... Uma vez uma jornalista entrevistou minha mãe e perguntou se era um trabalhão botar sete pimpolhos, porque éramos todos pequenininhos, o mais velho tinha onze anos, eu sou a segunda, nove, e o menor, um ano, botar todo mundo para o colégio. Minha mãe dizia: “Eu? Botar algum filho meu pra levantar, pra ir para o colégio? Então, eles não sabiam a importância de estudar?” Viu como nasceu isso em mim? Porque também, é o seguinte, minha mãe era apaixonada pelo meu pai, a cena da morte do meu pai, ele com 37 anos, ia completar 38, foi uma coisa assim... Eu dormia no quarto, nós morávamos aqui no Rio, na Tijuca, numa Vila muita lindinha, tinha o andar de cima e o andar de baixo, meu pai e minha mãe dormiam num quarto, no outro quarto dormiam as meninas, quando eu ouvi minha mãe chamando: “Meu Deus, meu Deus... Mário, Mário...” Então, eu fui, fomos todos, papai ficava vermelho, ficava branco, até que ele clareou de vez nos braços dela, e ela disse: “Meu Deus, como tu podes fazer isso comigo?” Mas vejam, minha mãe, nessa hora, em vez de gritar, ela disse assim: “Meu Deus, já que tu fizeste isso, de agora em diante eu vou esperar que meus filhos encontrem uma mulher que os amem tanto quanto eu o amei Mário, e que minhas filhas encontrem homens que as amem tanto quanto Mário me amou sempre”. Vocês veem... dentro de uma dor que podia ter afundado, ela pensou em nós, ela fez Deus prometer que ia nos proteger... (*momento de muita emoção na conversa*).

PALAVRAS FINAIS...

Depois de tantas colocações comoventes, o que você gostaria de dizer, professora, para encerrar nossa conversa?

CÉLIA LINHARES:

Primeiro agradece muito a Regina. Porque esse exercício, que através desse curso ela me provoca, também tem sido muito bom pra mim e, sobretudo, porque eu penso, que... Olha, vejam bem, esse esforço que vem de tão longe, continua se capilarizando em mil riachinhos que daqui a pouco se capilarizam... São vocês inteiras e que se sabe bem de onde vem. De onde vêm as boas fontes, de onde vem essa mistura de bom e de ruim que somos todos nós... Mas o certo é que, é nesse esforço de melhorar essa água, que todos nós nos animamos na vida, não é verdade? Então, como eu tinha dito antes, do que eu tenho me ocupado ultimamente, e como é que são essas ciladas de não parar o trabalho... Então, eu estava dizendo que eu continuo dando aula e formando mestres e doutores, e palestrando no Brasil inteiro. Mas vieram dois convites no ano passado: um para eu dar uma assessoria de formação de professores para os alfabetizadores que precisam, no Maranhão, alfabetizar um milhão de analfabetos. Vejam bem gente, o Maranhão é minha terra, eu não podia dizer não, viajei doze meses; doze meses pendurada no computador indo pra lá e pra cá. E a outra coisa, vocês sabem que eu trabalho com formação de professores, lecionando, os deveres, as tendências concretas que estão aí, carregadas de memória e os projetos, e os desejos. Então recebi um convite da UNESCO para trabalhar na organização de um centro de memórias da educação e da cultura brasileira. Então vejam: duas grandes tarefas, duas missões que se articularam com uma outra agenda e fora as questões familiares [...] Tenho duas irmãs...

uma está em estado de coma, que era essa minha irmã que eu dividia a raspagem do buriti [...] E, a outra irmã, que mora em Minas Gerais e que também está muito doente... Agora, as coisas boas também acontecem. A minha filha Andréia, essa que nasceu quando eu fazia o mestrado, teve um bebê, um menino muito lindo que se chama Arthur. *Talvez o melhor título que eu tenha seja esse: de ser vovó!*

NOTAS SOBRE A PROFESSORA CÉLIA FRAZÃO SOARES LINHARES...

(Informações fornecidas pela professora em nossa conversa e atualizadas em 08/09/2009 no Currículo do Sistema Lattes)

Nasceu no Maranhão, em 1937.

Seus pais: Mário da Silva Soares e Alice Frazão Soares.

Casou-se com José Linhares e teve quatro filhos: Paulo, Mário, Andréia e Ângela.

A família ampliou-se com os cinco netos: Danilo, Henrique, Gabriel, Carmem e Arthur.

Mora em Botafogo, no Rio de Janeiro.

Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, especialização em Planejamento Educacional pelo Ministério de Educação e Cultura, Mestrado em Filosofia e Sociologia da Educação pela Michigan State University, Doutorado em Ciências da Educação pela Universidad de Buenos Aires, Livre Docência em Filosofia da Educação pela Universidade Federal Fluminense, tendo realizado pesquisa de Pós-doutorado na Universidad Complutense de Madrid e na University of London.

Atualmente é Professora emérita da Universidade Federal Fluminense. Coordena o Aleph: programa de pesquisa,

aprendizagem-ensinagem e extensão em formação dos profissionais da educação e mantém-se vinculada à Universidade Federal Fluminense como pesquisadora permanente da Pós-graduação em Educação (Doutorado e Mestrado). Coordenou a implantação e, agora, dirige o Centro de Referências em Experiências Instituintes na Educação Pública, no Programa de Pós-Graduação em Educação (stricto sensu) da Universidade Federal Fluminense. É pesquisadora do CNPq, tendo também prestado consultoria a sistemas públicos de educação, bem como ao Projeto 914 BRA 1123 (UNESCO-REMEC).

É autora de livros e artigos em que discute questões e tendências políticas da educação contemporânea e brasileira, com especial aproximação das instituições escolares públicas, seus professores e seus movimentos permanentes de institucionalização.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GUEDES, Adrienne Ogêda. Uma mestra da palavra: ética, memória, poética e (com)paixão na obra de Célia Linhares. Niterói, UFF, 2008. Tese.

LINHARES, Célia Frazão Soares. Caminhos de Medo e Esperança. In: LINHARES, Célia F. S.; NUNES, Clarice. **Trajetórias de magistério**: memórias e lutas pela reinvenção da escola pública. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

ZACCUR, Edwiges; GARCIA, Regina Leite; GIAMBIAGI, Irene (orgs.). **Cotidiano: diálogo sobre diálogos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

